

**1780 - CHARQUEADAS DE PELOTAS INFLUÊNCIA NO
POVOAMENTO DA ZONA SUL - PROJEÇÃO SOCIAL E
ECONÔMICA - COMO FORAM VISTAS POR SAINT
HILAIRE, DEBRET, HERBERT SMITH - ÚLTIMOS
VESTÍGIOS**



**Veterano Cel Eng e EM Claudio Moreira Bento
Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista**



LIVRO DIGITAL

Capa e revisão por Camila Karen Renê com a orientação do autor, tendo por fundo as cores do Rio Grande do Sul e margens em azul turquesa, cor da Arma de Engenharia a qual o autor integra desde 1953.

1780 - CHARQUEADAS DE PELOTAS INFLUÊNCIA NO POVOAMENTO DA ZONA SUL - PROJEÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA - COMO FORAM VISTAS POR SAINT HILAIRE, DEBRET, HERBERT SMITH - ÚLTIMOS VESTÍGIOS



O presente artigo foi minha primeira participação como articulista sobre História, no caso da Zona Sul, e servindo de meu intermediário com o Diário Popular, meu conterrâneo, primo irmão e irmão de Armas, o Major de Infantaria Ângelo Pires Moreira, historiador de Pelotas e tradicionalista gaúcho que então presidia a UNIÃO GAÚCHA JOÃO SIMÕES LOPES NETO, personagem do qual foi um de seus biógrafos, Jornal onde de 13 de Março de 1970 a 31 de agosto de 1996, servindo no IV Exército no Recife-PE, no Estado-Maior do Exército, no Departamento de Engenharia e Comunicações em Brasília, no II Exército em São Paulo, na Academia Militar das Agulhas (como instrutor de História Militar) e a seguir no Comando do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG, na 1ª Região Militar e Chefia do Arquivo Histórico do Exército no Rio de Janeiro e mais 6 na Reserva, em Resende, publicamos mais de 126 matérias, cabendo destacar a Edição Histórica, comemorativa dos 95 anos do Diário Popular e Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, com 24 páginas e 35 ilustrações. E para isto o apoio e incentivo que nunca me faltou do Editor do Jornal Lobo Rochefort, natural de Piratini que sempre me enviava o jornal para onde eu estava servindo. Colecionei a maioria dos recortes dos quais digitalizei grande parte e os coloquei em meu site www.ahimtb.org.br criado e administrado por meu filho Capitão de Mar - e - Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, hoje historiador naval e professor de Navegação da Escola Naval.

Eis o artigo restaurado e publicado há 54 anos.

José Pinto Martins, natural do Ceará, fundou a indústria de saladeril no Rio Grande do Sul, instalando-se cerca de uma légua da foz do rio Pelotas, próximo ao local já habitado por alguns casais açorianos.

As primeiras charqueadas preparavam a denominada '**carne seca**', segundo técnica trazida do Ceará, posteriormente os franceses João Batista Roux e Eugene - Sasques, introduziram a técnica do preparo do charque bem diferente da primeira e que veio a ter grande aceitação e procura nos mercados

nacionais e internacionais, tornando-se o atrativo econômico da área, o que veio proporcionar a Pelotas, por longos anos, grande projeção econômica, cultural, social e política, na zona Sul do Rio Grande do Sul.

A proliferação das charqueadas de Pelotas, em consequência de uma imprevista demanda dos mercados consumidores, foi o fator determinante da corrida pela estância própria na área, ocasionando o rápido povoamento da Zona Sul, por futuros estancieiros e fazendeiros que para lá se dirigiram para fundarem suas estâncias e fazendas, com o gado nelas produzidos, abastecerem as charqueadas pelotenses, que dia a dia tornavam-se mais ávidas de matéria prima.

Em consequência deste evento, Canguçu e outros municípios vizinhos durante os próximos 23 anos, dada a proximidade das charqueadas e consequente valorização do seu gado, conheceram períodos dos mais progressistas de sua história, atraindo para suas terras, inúmeras famílias ilustres que de lá partiram em grande número, a partir de 1801, para disputarem melhores campos de criação, nas terras conquistadas pelos portugueses no sul dos rios IBICUÍ e PIRATINI e nos Sete Povos das Missões.

Antes do estabelecimento das charqueadas em Pelotas, o gado era utilizado para o consumo local e, com esta finalidade abatiam-se as reses mais novas e mais gordas, as demais eram sacrificadas, unicamente com a finalidade do aproveitamento do couro, com boa cotação no mercado internacional e cujo monopólio havia sido exercido por muito tempo pela coroa espanhola.

O restante da rez, era perdido e deixado no meio do campo para servir de pasto, aos cães e corvos, Nos dias atuais, houve uma completa inversão, a carne e todos os subprodutos de origem bovina valorizaram-se bastante e o couro, em consequência dos plásticos e fibras sintéticas, teve seu preço aviltado... Uma visão do que foram às charqueadas em seu início nos é transmitida pelo célebre pintor francês João Batista Debret, através: de pinturas que realizou em Pelotas em 1823, por ocasião de sua passagem pelo local. Originais dessas pinturas as admirei, quando aluno da Escola de Comando e Estado Maior do Exército 1967/1969, na **Fundação Castro Maia**, na Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro. Numa de suas pinturas fixa uma charqueada às margens do rio Pelotas, com admirável riqueza de detalhes de todas as operações necessárias à fabricação do charque. Operações estas que tentarei descrever ao leitor interessado. Trata-se de uma área de cerca 100x200 metros, cujo lado maior era apoiado no rio Pelotas.. A área era atravessada transversalmente por uma profunda vala que possuía em seu meio um pontilhão... Por esta vala escorria o sangue das reses abatidas, desde um galpão de matança, situado em posição central, do lado oposto ao do rio Pelotas, o qual por sua vez era ligado a uma mangueira, onde aguardavam as reses a serem abatidas.. Um pouco mais a frente do galpão de abate encontrava-se outro galpão com enorme tacho de água fervente destinado a

retirar a gracha dos ossos... Ao norte da vala situavam-se separadas por um corredor, dois conjuntos com 10 fileiras de varais, destinados a secagem ao sol do 'charque em fabricação e do sebo retirado da carne. Cada varal era dividido em 13 espaços e cada espaço era ocupado pela carne e sebo proveniente de uma rez, o que permitia o processamento simultâneo do charque de 230 animais. Ao sul da vala, entendia-se: ampla área, onde escravos encarregavam-se do estaqueamento para secagem ao sol, de diversos couros. Bem ao norte, ao fundo do estabelecimento, situava-se enorme depósito, presumivelmente destinado à administração, depósito de sal, charque produzido ou charque em produção, empilhado, aguardando bom tempo para a secagem. Esta charqueada como as demais era toda a base da mão de obra escrava, e assim também observaria Herbert Smith em 1882. Em outra pintura, Debret fixou o flagrante de outra. Charqueada menos aperfeiçoada de Pelotas, na qual a matança se processava no interior de uma enorme mangueira. - Nesta pintura, vê-se índios civilizados a cavalo, laçando o animal, enquanto outros tendo em mãos uma enorme vara, com uma meia lua de metal cortante (**garrucho**), seccionavam o nervo da perna traseira do boi (**desgarronamento**) fazendo-o cair ao solo imobilizado. Nesta situação, um escravo desmontado e portador de enorme faca, corria em direção a o animal para dar-lhe o golpe mortal no coração (sangramento) e, entregar-se, pressuroso a faina de carneação, com o animal muitas vezes ainda com vida. Estes índios charruas civilizados foram atraídos em grande número para Pelotas com o advento das charqueadas e por muitos anos integraram a paisagem

Em **Voyage pittoresque au Bresil** de Debret, consta a pintura **Barque brasiliene faite avec cuir de boef**, com algumas diferenças da existente na Fundação Castro Maya, o que em resumo retratavam as célebres **pelotas** que deram o nome ao rio e a cidade de Pelotas. Nesta última, vê-se uma **pelota** em cujo interior viajava um senhor, sendo rebocado com uma corda presa aos dentes por um escravo nadando. Estas **pelotas** também foram descritas por Augusto Saint Hilaire em sua **Voyage au Riu Grand du Sud**, na qual também refere-se entre outras coisas, às 18 charqueadas pelotenses, escravidão em Pelotas, além de transcrever, interessantes dados de exportação pelo porto de Rio Grande que lhe foram oferecidas por Gonçalves Chaves, em cuja casa, à beira do rio Pelotas, esteve hospedado. Estas embarcações antes mesmo de Pelotas, tiveram largo uso no Brasil, tendo o próprio Marechal Rondon, posteriormente, feito largo uso das mesmas, no Brasil Central... Elas tinham capacidade para somente uma pessoa, devido a sua pouca estabilidade, eram muito sujeitas a naufrágios, sendo numerosos os casos fatais de afogamento em consequência de viradas inesperadas. Ao retornar do Brasil, Debret publicou em Paris **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**, na qual refere-se ao charque e as charqueadas pelotenses. Sobre o charque assim escreveu. " A carne-seca (viande seche) é um alimento de primeira necessidade no Brasil. E é preparada na província do Rio Grande do Sul, geralmente afamada pela reunião de suas numerosas charqueadas situadas em sua maior parte, sobre a margem esquerda do Rio de San-Gonzales (São Gonçalo), rio que facilita a exportação considerável deste comestível, realizada por hiates, e sumacas. e

pequenas embarcações de cabotagem, utilizadas no aproveitamento dos portos do Brasil e do Chile. A seguir -refere-se ao couro: "O comércio de couros de bois não deixa de ser outro grande negócio para o charqueador do Rio Grande do Sul, estabelecido numa província privilegiada. com uma variedade gigantesca de bois, onde somente seus enormes chifres e cabelos da cola, por si só constituem um ramo de negócio explorado por comerciantes franceses,"

Nota: Canguçu com destino as Charqueadas de Pelotas. As tropas não atravessavam a vila de Canguçu. A contornavam pela Estrada das Tropas, que passavam pelo local onde hoje a Aeronáutica possui seus radares. Na região da Lacerda, ainda existem dois mangueirões que em tempo de Tropas para as charqueadas era um parada três estrelas, onde os tropeiros deixavam sem o perigo de estouros e iam até a vila para satisfazer suas necessidades e o padeiro Lacerda explorava o mangueirão da Lacerda e o fornecimento de pão aos tropeiros. O estancieiros e fazendeiros de Canguçu tiravam mais vantagem, pois seus estabelecimentos pastoris ficavam bem mais próximo das charqueadas do que os do Alto da Serra e Missões que por ali passavam. Grandes estancieiros criaram casas enormes, como os Piegas que construíram os atuais palacetes da Casa da Cultura e Clube Harmonia. O sobrado ao lado da igreja Matriz pertenceu à família Cruz. O enorme prédio no local onde está instalada a Prefeitura pertenceu a uma rica fazendeira bem como a casa do atual Cartório Bento, onde nasci e me criei. E também o casarão onde residiu a família Nascimento Sedrez. A revolução de 93 provocou a migração de famílias com tradição monarquista e deixaram suas casas no abandono. Na rua que dá acesso ao CFENSA, existia uma casa e anexo a qual existia uma ferraria e marcenaria que fabricava carros e carruagens que tropeiros encomendavam e de retorno das charqueadas a levavam para Cima da Serra ou Missões. E nesta Ferraria e Marcenaria, um pouco acima existiam casas para abrigar os operários especializados. A memória destes tempos perdeu-se. Soube de um caso que registrei na **Revista da ACANDHIS dos 200 anos de Canguçu**.

Ficou muito conhecido no itinerário das tropas, o seguinte fato envolvendo um fazendeiro de Canguçu por sua honestidade exemplar.

Era comum o extravio de animais durante uma tropeada. Para não atrasar os deixavam para trás, para posterior recolhimento, deixando as informações de suas características. Naquele tempo o "**alheio era sagrado!**" Um velho tropeiro costumava contar que outro seu amigo extraviava umas vacas gordas numas grotas entre Canguçu e Morro Redondo. Com pressa, tocou para frente para Pelotas e não mais soube notícias das vacas extraviadas.

Passaram-se os anos. Um dia um tropeiro seu amigo notou numa ponta de reses a marca de um fazendeiro de Cruz Alta, há 50 léguas dali. Resolveu investigar e rumou para a fazenda a qual aquele rebanho pertencia. Foi muito bem recebido! E indagou do fazendeiro o significado daquela porção de vacuns com marcas do estancieiro de Cruz Alta. E conversa vai, conversa vem, o fazendeiro de Canguçu puxou um caderninho do bolso e explicou:

"Em tal dia do ano tal, encontrei tantas vacas alheias em meu campo. Como não apareceu ninguém para reclamá-las, juntei-as com o meu gado."

E toda produção das vacas alheias estava apontada no caderninho: Terneiros nascidos, machos e fêmeas, reses mortas, gado vendido, despesa com sal, custeio, pastagem etc. Enfim, tudo explicadinho, inclusive os gastos com uma marca do estancieiro de Cruz Alta, para distingui-lo do seu gado. O fazendeiro de Cruz Alta um dia apareceu e saiu dali com uma ponta de gado rumo as Charqueadas e com um bom saldo em dinheiro, graças a honestidade exemplar do estancieiro de Canguçu. Esta história é verídica perdeu-se o nome dos personagens Lamentável!.

Este assunto também abordo em artigo Canguçu no tempo áureo das tropas para as charqueadas de Pelotas 1870-1893 na **Revista dos 200 de Canguçu** p. 157/161 que vale a pena recordar.

Nota: Tenho para mim que a palavra Gaúcho é uma corruptela da palavra Garrucho, os changadores que usavam o garrucho para desgarronar o gado alçado para o imobilizar e máta-lo para tirar-lhe couro. Gostaria de ouvir outras versões sobre a origem da palavra gaúcho.

Curriculo cultural sintético do autor



Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento **Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista**

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma

privativa dos cadetes, Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980 onde criou em sala especial o Arquivo da FEB. É autor de mais de 150 obras (Álbuns, livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Publicou: **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército.** Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, o qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Tendo recebido de seu comandante como prêmio para sua Companhia uma caminhonete Aero Willys por haver sua companhia haver batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Túnel 20, então considerado o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes e foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021.** E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional,** como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. O Cel Bento também possui livros de sua autoria na Biblioteca Mindlin, atual Biblioteca da USP - Universidade de São Paulo. Este ano de 2024 completará 93 anos de idade. Se Deus quiser!. Em

seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com. Toda a sua obra historiográfica está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manterem fiéis ao espírito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de profícua existência.

Currículo cultural de Camila Karen Renê



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cláudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição à História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **Relação de diplomas, medalhas, troféus e etc no apartamento do Cel Bento em Resende-RJ**, disponível em Livros e Plaquetas – Cel Bento, no meu site www.ahimtb.org.br.

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colégio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou

comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, à tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como hábil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam..

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE-POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHIMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seus estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D. Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muito expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Camila Karen foi minha parceira e do Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg no 1º Volume da História do **21º GAG Grupo Monte Bastione** e minha parceira no 2º Volume da História de 21º GAC e seus ancestrais com apoio em grande parte em pesquisa 21º GAC Grupo Monte Bastione e não publicada do saudoso Gen Ex Paulo Cesar de Castro, quando comandante do 21º GAC, mas que não tratou da **História do 21º GAC** atual que a realizamos bem como a de seu antecessor na FEB que foi feita pelo Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg. E também fizemos o currículo cultural do General Paulo Sérgio, rico em

informações culturais tarefa facilitada pela digitalização os originais do General Paulo Sergio de Castro pelo parceiro Israel Blajberg.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa assessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”